



Um podcast original da Rádio Novelo

Episódio 73

Uma nova página

Branca Vianna: Tá começando o Rádio Novelo Apresenta. Eu sou a Branca Vianna. Na família da Ana Hikari, tem uns personagens que parecem inventados.

Ana Hikari: Eu sou Ana Hikari, sou atriz...

Branca Vianna: É provável que você conheça a Ana Hikari da TV, ou talvez você siga ela nas redes sociais. A Ana fez "Malhação", depois ela fez "As Five", no Globoplay.

Ana Hikari: Eu fiz a personagem Tina...

Branca Vianna: E agora ela tá na atual novela das sete, que chama "Família é Tudo". E, não, a família do título da novela não é a família da Ana – que, aliás, com certeza renderia uma boa novela... E aqui também a gente não vai contar sobre o lado da família dela que tem o sobrenome Hikari. Vamos falar do lado paterno da família.

Ana Hikari: É a família Rosa.

Branca Vianna: A sede dos Rosa fica lá no interior de Minas Gerais.

Ana Hikari: Uma cidade que se chama Estrela do Sul. É uma cidade que tem 7 mil habitantes, contando a zona rural.

Branca Vianna: A cidade tem um histórico de garimpo de diamante. O que faz com que lá aconteçam umas coisas que quase têm um cheirinho de realismo mágico.

Ana Hikari: Cara, olha isso, lá no quintal da minha vó, o costume é você abrir a moela da galinha. Pra achar diamante, e já achou...

Branca Vianna: Se você passar uma tarde com a família Rosa, você vai ouvir histórias de todo tipo.

Ana Hikari: Cada um tem uma história mais maluca do que outra.

Branca Vianna: Tem um tio que resolveu investigar um assassinato na cidade quando ele tinha só uns 14 anos de idade, e chegou até a publicar os achados dele num jornal. Outro tio adorava fuçar nos cartórios da região e descobrir coisas sobre o passado da família e daquele lugar – e ele até criou um museu no quintal da avó da Ana, que chama Casa de Cultura. E ainda outro tio que aproveitou esse mesmo quintal pra fazer outro museu, só que de peças usadas de máquinas agrícolas.

Ana Hikari: É uma coisa surreal.

Branca Vianna: Tem também a história de quando a madrinha do pai da Ana fugiu com um circo que passou pela cidade. E a própria avó da Ana é uma figura conhecida por lá. Porque antigamente ela servia um chá com bolacha na varanda da casa dela, bem cedinho, pra molecada que tinha que trabalhar na roça. E tem gente – agora já crescida – que até hoje passa lá de vez em quando, pra levar os filhos ou os netos pra provar o cházinho. Enfim. É toda uma trama que, pra Ana, fez ela ser o que ela é hoje.

Ana Hikari: Acho que tudo o que eu sou é muito da minha família.

Branca Vianna: Só que a história que ela queria contar mesmo quando ela procurou a gente era uma história do pai dela. O Almir.

Almir Almas: Meu nome é Almir Almas.

Branca Vianna: De um capítulo que aconteceu na vida dele quando ele já tinha saído de Estrela do Sul, mas que também acabou moldando quem ele é.

Ana Hikari: Por conta desse movimento do Borges, né?

Branca Vianna: É a história do Borges.

Almir Almas: O Borges foi a minha escola de vida.

Branca Vianna: Não, eles não tão falando do Jorge Luis Borges, o escritor argentino. É outro Borges. Mas vamos começar do começo.

Essa semana, a gente tem duas histórias sobre pessoas procurando escrever uma nova página na vida delas – e, às vezes, não só na delas.

Almir Almas: Então vamos lá, Bia.

Branca Vianna: Quem ouviu esse conto foi a Bia Guimarães.

ATO 1 - BORGES DA COSTA

Bia Guimarães: É difícil saber ao certo quem disse a ideia em voz alta pela primeira vez. Se ela surgiu de uma só cabeça ou do conjunto de várias, entre uma reunião e outra do Diretório Acadêmico dos estudantes de medicina. O que se sabe é que por volta de agosto/setembro de 1980 o plano começou a circular baixinho pelos corredores da UFMG, a Universidade Federal de Minas Gerais. Principalmente nos arredores do Campus Saúde, que ficava – e ainda fica – na região central de Belo Horizonte.

Myriam Marques: A conversa era muito velada. Chegava assim, aquele estudante da medicina e tudo. Outros da FAFICH, de ciências humanas, sei lá, os líderes...

Bia Guimarães: Algumas pessoas souberam por meio de colegas...

Raimundo Carvalho: Ele falou comigo, um pouco à boca pequena, que estava acontecendo esse movimento e tal.

Bia Guimarães: E tem gente que lembra de ver um grupo de alunos passando nas salas de aula pra fazer um convite, de um jeito meio disfarçado. Foi o caso do Almir.

Almir Almas: Era muito escondido todo o movimento.

Bia Guimarães: Esse cuidado não era à toa.

Almir Almas: Nesse momento, 1980, nós estávamos em plena ditadura militar.

Bia Guimarães: Tava rolando ditadura, repressão, perseguição política... Três anos antes, ali mesmo no Campus Saúde, a polícia tinha cercado centenas de estudantes que tavam se reunindo pra discutir a reconstrução da UNE – a União Nacional dos Estudantes, que tinha sido jogada na clandestinidade pelo regime militar. Foi o maior quebra-pau.

E tudo bem que o pior período da ditadura parecia ter ficado pra trás, e que o movimento estudantil tinha conseguido se reerguer... Mas, ainda assim, era melhor eles não darem bobeira com um plano daqueles. Se a coisa vazasse, a universidade podia tentar impedir. E a polícia podia baixar lá. Afinal, a ideia desse

grupo de estudantes que vinha se formando era bem subversiva. Era uma coisa revolucionária. Eles tava atrás de um... lugar pra morar. Mas não qualquer lugar.

Naquela época, a UFMG não tinha uma moradia universitária, uma casa ou um prédio onde os estudantes menos favorecidos pudessem morar de graça. E uma galera vinda de outras cidades do interior de Minas ou de outros estados pra viver em Belo Horizonte tava passando sufoco pra se manter.

Almir Almas: Realmente, eu não tinha condições nenhuma de pagar um aluguel em Belo Horizonte.

Bia Guimarães: O Almir, você já sabe, era da cidadezinha de Estrela do Sul. Ele tinha ido estudar psicologia na UFMG. E ele até tinha arrumado um emprego numa joalheria lá em BH, mas a grana era apertada.

Almir Almas: Eu morava no porão de uma casa, que eu pagava um aluguel caro. Caro para mim, para as minhas posses naquele momento.

Bia Guimarães: O Magid Nauef Láuar também tinha vindo do interior, pra fazer faculdade de Direito. E ele tava morando numa pensãozinha bem capenga.

Magid Nauef Láuar: Pagando um valor que era muito significativo pra família ajudar.

Bia Guimarães: Ele lembra de estudar apoiando a mala nas pernas, porque nem mesa tinha nessa pensão. Já o João Batista, que era das Ciências Sociais, tava dividindo um lugar com o irmão dele e mais um amigo.

João Batista: Na época, a gente tinha uma condição econômica não muito favorável e eu tinha que trabalhar.

Bia Guimarães: Mesmo arranjando uns bicos aqui e ali, não tava fácil. Era o mesmo caso da Myriam Marques.

Myriam Marques: Eu morava num barracão de fundo, com cinco mulheres.

Bia Guimarães: Ela era do curso de Enfermagem.

Myriam Marques: A gente também não estava assim na rua da amargura, mas a gente queria muito parar de pagar aluguel.

Bia Guimarães: A gente aprende na escola como que começam as revoltas, né? O estopim das revoluções. E uma coisa é fato nessas histórias: a faísca sempre vem de um incômodo. Um incômodo que primeiro circula baixinho, num burburinho. E aí cresce, até explodir em alguma ação. Nessa história aqui, o incômodo tá posto: tinham estudantes que tinham se mudado pra Belo Horizonte, que tavam vivendo com a grana apertada, e que, no tempo que eles teriam pra estudar, eles tavam

tendo que ralar pra pagar um aluguel caro pro bolso deles – pagar caro pra morar mal. E em volta desse grupo tinha estudantes que não tavam com esse problema, mas que concordavam que isso era, sim, um problema. E que a universidade tinha que dar um jeito de abrigar esses alunos.

Outras universidades pelo Brasil, algumas até menores que a UFMG, já tinham moradia estudantil. Tava passando da hora de ela ter uma também. Bom, então esse assunto começou a correr na surdina, e foi contagiando estudantes de vários cursos. Mas não era assim uma ideia solta. "Ah, a gente precisa de uma moradia". Não. A galera já tava com a faca e o queijo na mão. O queijo, no caso, era um prédio. E, tá bom, ele não tava exatamente na mão. Mas ele tava ali, no horizonte.

Almir Almas: Porque eles viram lá na UFMG, dentro do campus, um prédio de um hospital que estava abandonado.

Magid Nauef Láuar: "Pô, tem um hospital fechado dentro do Campus Saúde".

Bia Guimarães: Um prédio abandonado, fechado. Era o Hospital Borges da Costa.

Myriam Marques: O Hospital Borges da Costa está vazio. A gente precisa de moradia. Ninguém faz nada.

Bia Guimarães: Esse hospital tinha sido fundado na década de 1920. O nome original dele era Instituto de Radium, e ele era um centro de tratamento de câncer com radioterapia. Até a Marie Curie – a mãe dos estudos de radioatividade – chegou a dar uma passadinha por lá. Depois ele virou o Hospital Borges da Costa – em homenagem a um médico mineiro –, e continuou atendendo pacientes com câncer.

Só que fazia três anos que o prédio tava completamente abandonado. Piscando na vista dos estudantes que passavam ali por perto todo dia, indo ou voltando do bandeirão do Campus Saúde. Bom, primeiro atrativo do imóvel: disponibilidade. "Pronto pra morar", já diria um anúncio de construtora.

Almir Almas: Segundo os argumentos da universidade naquele momento, o prédio estava caindo, tinha problemas sérios, não tinha condições de manter, faltava manutenção.

Bia Guimarães: Tá, talvez fosse precisar de uns reparos e de uma boa faxina. Mas o prédio era grande, ia caber bastante gente. Além de tudo, era muito bem localizado.

Magid Nauef Láuar: Numa região central de Belo Horizonte, não é?

Bia Guimarães: Disponibilidade, check. Tamanho adequado pros propósitos dos futuros moradores, check. Localização, check. E, pra fechar o anúncio com chave de ouro, o imóvel era de babar.

Magid Nauef Láuar: É um neoclássico dos mais perfeitos.

Myriam Marques: Colunas gregas.

Bia Guimarães: Vintage...

Myriam Marques: Uma escadaria de mármore...

Bia Guimarães: Iluminado...

Magid Nauef Láuar: E aquela porta maravilhosa.

Bia Guimarães: Com área verde...

Raimundo Carvalho: Tinha um quintal muito grande.

Bia Guimarães: Muitos checks.

João Batista: Uau, que maravilha! É aqui que nós vamos morar?

Bia Guimarães: Era uma ideia praticamente irresistível.

Myriam Marques: Poxa, imagina alguém fala para você: "Vai morar de graça". A gente começou a querer.

Bia Guimarães: Só faltava... meter a faca nesse queijo. Eles tinham que dar um jeito de se mudar praquele hospital.

Myriam Marques: A gente vai dar um jeito de invadir, entende?

Bia Guimarães: Pronto. Mas não dava pra ser um movimento feito na pressa. Tinha que ser tudo bem pensado.

Lembrando que era 1980, e que a ditadura não tinha um histórico muito simpático com movimentos de estudantes. Imagina então estudantes querendo ocupar um prédio público.

Almir Almas: A gente está ocupando o espaço público que está abandonado e que nós corremos o risco de sermos enquadrado na Lei de Segurança Nacional, todas essas coisas que estavam vigente ainda nesse período de ditadura. Claro, tem isso.

Bia Guimarães: Eles sabiam que a ideia era bem ousada.

Raimundo Carvalho: A gente tinha algum receio da reação da sociedade e a própria burocracia da universidade.

Bia Guimarães: Opa, acho que essa voz eu não te apresentei ainda. É do Raimundo Carvalho. Ele era aluno do curso de Letras.

Raimundo Carvalho: A gente foi ocupar um lugar nobre da Faculdade de Medicina de Belo Horizonte, que é um negócio assim, na época, muito elitista, muito elitizado.

Bia Guimarães: Os detalhes do plano iam se desenrolando entre uma garfada e outra ali no bandeirão. Quem vai participar da tomada do prédio? Como vai ser? Quando vai ser?

Magid Nauef Láuar: E aquilo foi juntando pessoas que acharam a ideia maravilhosa e etc. E marcamos um dia para invadir esse hospital. E esse dia foi 30 de outubro de 1980.

Bia Guimarães: 30 de outubro de 1980.

Almir Almas: 30 de outubro, ao meio-dia. Meio-dia era o horário que os alunos saíam das aulas e iam para o restaurante...

Bia Guimarães: Incômodo inicial (ou motivo para revolta): check. Objetivo comum (ou imóvel dos sonhos): check. Galera mobilizada: check. Data e horário pra fazer acontecer: check.

Eu sempre acho que um plano só sai do papel quando a gente coloca um prazo nele. E não deu outra. No dia 30 de outubro de 1980, por volta da hora do almoço...

Almir Almas: Então todo mundo se reúne, e toda aquela coisa de "ah, é segredo, é segredo" foi por água abaixo, porque o grupo já vai com cartaz, cantando, dizendo palavras de ordem e tal.

Bia Guimarães: Tem gente que lembra de ter umas 30 ou 40 pessoas naquela marcha do bandeirão até o Borges da Costa. Tem gente que fala em 100 pessoas. E também tem versões em que o grupo não foi todo junto, e sim mais picado, pra não chamar tanta atenção. Mas fato é que os estudantes andaram determinados até aquele hospital abandonado que eles vinham namorando há um tempo, e que eles queriam muito chamar de casa.

Almir Almas: E aí a gente entra.

Myriam Marques: E a gente foi entrando assim num lugar fantasma.

Bia Guimarães: Alguns deles já tinham entrado no prédio antes, pra ver como que tava a situação. Outros tavam botando os pés lá dentro pela primeira vez. Passando a porta, vinha um saguão principal. E aí o hospital se abria em alas laterais.

Raimundo Carvalho: Eu digo que ele tem uma forma de um escorpião.

Almir Almas: Com as suas patas e uma frente. E ele tem dois andares...

Bia Guimarães: A entrada era pelo piso térreo, e aí tinha um piso inferior, descendo as escadas.

Almir Almas: Quando a gente entra no hospital, ele é todo abandonado.

Myriam Marques: Muito sujo. Nossa, muito sujo.

Bia Guimarães: Lembrava um pouco aqueles cenários de filme pós-apocalíptico, sabe? Em que parece que tudo foi largado do nada, do jeito que tava.

Almir Almas: Os corredores do hospital eram cheios de camas de ferro, camas hospitalares. Os quartos cheios de objetos, armários de ferro, mesas de ferro abandonadas ali dentro do hospital.

Myriam Marques: Havia banheiros, banheiros como de uso coletivo, sabe, com chuveiros, com privadas...

Almir Almas: Tinha uma cozinha industrial dentro do hospital.

Bia Guimarães: Hospital, no geral, não tem cara nem jeito de casa, né? Mas costuma ter coisas que uma casa normal tem: quarto, banheiro, cozinha, lavanderia... E, claro, tem também os ambientes que ninguém – ou quase ninguém – quer ter em casa. Tipo, sei lá, um centro cirúrgico. A galera foi entrando e olhando tudo aquilo com um misto de curiosidade e empolgação. Alguns já iam botando o nome na porta do quarto que queriam ficar.

Magid Nauef Láuar: Eu entrei no quarto.

Bia Guimarães: O Magid lembra da hora em que ele entrou num dos quartos e abriu a janela. Só que essa janela dava pra frente do hospital, onde ainda tinha um monte de gente da ocupação reunida ou outras pessoas só espiando o movimento da ocupação.

Magid Nauef Láuar: Todo mundo se espantou com aquela abertura da janela. Eu também. E aí eu fiz uma brincadeira.

Bia Guimarães: Naquela época, ele sempre andava com um lenço. E aí, no improviso.

Magid Nauef Láuar: Aí eu tirei um lenço branco, balancei, pendurei na janela. Fui aplaudidíssimo.

Bia Guimarães: A bandeira – ou o lenço – tava fincada no território. Check.

Myriam Marques: Todo mundo com vassouras, já aparecia água, balde de água buscava embaixo. Gente que foi com mangueira... Aí a gente lavou aquela enfermaria toda. E se revelou um piso muito bonito. Com ladrilho português assim, preto e branco enfeitando a borda. E o chão era branco.

Bia Guimarães: O primeiro passo da ocupação tinha sido um sucesso. Eles tinham metido a faca no queijo, e o queijo já tava limpinho.

Magid Nauef Láuar: Sem sabermos exatamente o que que ia fazer com aquilo.

Bia Guimarães: O que eles queriam era transformar aquele hospital numa moradia estudantil, claro. Mas eles sabiam que podia não ser assim tão fácil.

Almir Almas: A gente poderia ser tirado no outro dia, na outra hora ou no mesmo dia.

Bia Guimarães: Os riscos eram vários. Por via das dúvidas, o Almir ainda não tinha largado de vez o porão onde ele tava morando; nem a Myriam tinha saído oficialmente do barracão de fundo que ela dividia com outras garotas; nem o Magid tinha feito checkout da pensão capenga. Se desse tudo errado, pelo menos eles iam ter pra onde voltar.

Almir Almas: Eu nem sabia o que ia acontecer, mas já fui preparado para ficar.

Bia Guimarães: Agora que eles tavam dentro do prédio, eles precisavam defender o território pra não deixar que as forças externas – fosse a reitoria da UFMG ou a polícia – enxotassem eles de lá. O Almir falou que a essa altura, a notícia da ocupação já tava circulando pela imprensa. No melhor dos cenários, logo a universidade ia bater na porta do hospital pra negociar com os estudantes. E eles não iam se dobrar. Só que...

Almir Almas: Só que chegou de noite, a maioria das foi embora para suas casas.

Bia Guimarães: Lembra que tinha um tanto de estudantes que tava precisando de um lugar pra morar e querendo parar de pagar o aluguel, e outro tanto que tava ali só pra apoiar a causa? Então...

Magid Nauef Láuar: Efetivamente pessoas dispostas a morar, eram muito poucas.

Bia Guimarães: Pelo menos naquele primeiro momento, a galera que tava disposta a se mudar de mala e cuia pro hospital, logo de cara, era pouca gente.

Almir Almas: O que aconteceu? Ficamos ali acho que umas sete pessoas só dentro do prédio.

Bia Guimarães: Só umas sete pessoas pra segurar uma ocupação todinha. De um hospital inteiro. Dentro de um campus universitário. No meio de Belo Horizonte. E não demorou até esse pequeno grupo ser colocado à prova.

Almir Almas: A reitoria nos procurou para negociar: "Não, tem que sair"...

Bia Guimarães: Por enquanto, eles não tavam sendo ameaçados com violência nem nada do tipo. Mas, de todo jeito, eles tavam numa posição vulnerável. A reitoria tava falando pra eles saírem. E eles não iam sair, óbvio. Mas como que você justifica uma revolução que só tem umas sete pessoas?

Almir Almas: Mas aí é que tem o pulo do gato.

Bia Guimarães: O pulo do gato. Esses estudantes que fincaram o pé e dormiram por lá desde a primeira noite tiveram uma ideia.

Almir Almas: No outro dia de manhã, a gente instituiu que a gente tinha que blefar. Porque, se não, a gente era tirado dali em um minuto.

Bia Guimarães: O lema era: blefar para resistir.

Almir Almas: Nós partimos para frente do prédio para negociar tanto com a reitoria quanto com a polícia, como falar com a imprensa. Porque no outro dia já tava cheio de imprensa e tava toda a coisa. Nós fomos para a frente, e falamos assim: "Olha, nós somos os representantes de quem está aqui dentro. Então nós estamos aqui representando essas pessoas que estão lá dentro. Elas não vão sair. Se houver invasão, se houver qualquer coisa, vai ser complicado, porque tem muita pessoa lá dentro."

Bia Guimarães: "Tem uma galera lá dentro. Isso aqui que vocês estão vendo é só a ponta do iceberg. É só a linha de frente da revolução."

Pensando bem, várias revoltas e conquistas da história da humanidade começaram assim, né? Com um blefe. Um "fake it 'till you make it". Um "vai fingindo até chegar lá". Pra eles conseguirem transformar aquele hospital abandonado numa moradia de estudantes, eles tinham que fingir que aquela já era uma moradia de estudantes. Que mexer com aqueles sete representantes era, na verdade, cutucar um formigueiro inteiro.

Almir Almas: E aí foi uma primeira negociação que foi interessante, porque a partir daí ninguém mais entrou. E o que aconteceu? Como as pessoas, a imprensa estava ali e esse burburinho começou a sair na UFMG, no outro dia já começamos a receber pessoas.

Bia Guimarães: A notícia – o blefe – de que tinha muita gente lá dentro acabou, de fato, levando mais gente lá pra dentro. Gente que antes não tava botando muita fé naquele movimento, ou que talvez nem tivesse ficado sabendo da ocupação. Gente que, agora sim, tava indo de mala e cuia pra morar lá.

Tava dando certo. A ocupação tava ficando mais forte. Era uma loucura, mas esse bando de estudantes de 18-20 poucos anos tava, realmente, morando tudo junto num hospital desativado.

Magid Nauef Láuar: E nós não acreditávamos, porque era muito bom pra ser verdade.

Bia Guimarães: Era um feito incrível. Mil vezes check. Tá, mas... e agora?

Almir Almas: Como que a gente vai organizar isso aqui?

Bia Guimarães: Os moradores do Borges da Costa tinham um desafio, mas também uma oportunidade única nas mãos: construir uma mini sociedade do zero naquele hospital em branco. Do jeito que eles quisessem – ou que a maioria quisesse.

Mesmo antes da ocupação acontecer, quando o plano ainda era dito baixinho, já pipocavam aqui e ali alguns vislumbres desse modo de vida. Eles já falavam, por exemplo, sobre estabelecer um sistema de autogestão, com regras definidas e fiscalizadas pelos próprios moradores – diferente de outras moradias estudantis que eram administradas pelas universidades onde elas tavam. E mesmo que dentro do Borges os grupinhos se separassem em quartos, e que pequenas comunidades surgissem dentro dessa grande comunidade, a ideia era que tudo, tudo, fosse pensado pelo coletivo e para o coletivo.

Almir Almas: Não existia uma coisa individual nessa moradia.

Bia Guimarães: Não era pra parecer um condomínio, um prédio residencial. Muito menos um hotel.

Almir Almas: Todo mundo vai ter que fazer tudo, todo mundo vai limpar a cozinha, vai limpar o banheiro, vai limpar o corredor, vai limpar seu quarto.

Bia Guimarães: E, bom, muita gente ali vinha do movimento estudantil, ou de outros movimentos sociais, de partidos que lutavam contra a ditadura... A última coisa que eles queriam era que aquele novo mundo se parecesse com o daqui de

fora, onde tava sobrando repressão e faltando liberdade. Mas também não era pra ser um negócio largado, sem regra nenhuma. Que aí também não ia dar certo.

Beleza, tavam desenhados os pilares da utopia borgeana. Pra colocar isso em prática, eles precisavam de um espaço pro debate de ideias e pra tomada de decisões. Tanto pra discutir sobre o dia a dia da casa como pra definir as estratégias de resistência e de negociação com a reitoria. E lá no hospital tinha um espaço perfeito pra esse exercício da cidadania borgeana.

Almir Almas: Tinha uma capela, uma igreja cheia de bancos amontoados, coisas dentro.

Myriam Marques: Tinha uma acústica maravilhosa.

Bia Guimarães: Pronto. Sempre que surgisse a necessidade de algum debate, alguma decisão relacionada à moradia, ia todo mundo pra capela. Fosse o que fosse.

Almir Almas: Tudo, tudo era discutido numa assembleia.

Bia Guimarães: Você deve imaginar que, pelo menos no começo – na construção dos pilares dessa sociedade –, precisava de assembleia toda hora, né?

Almir Almas: Quem vai limpar o banheiro amanhã? Ia pra assembleia. Quem vai falar com não sei quem – com o reitor? Ia pra assembleia. Quem vai conversar com o diretor da Escola de Medicina? Ia pra assembleia. Tudo, tudo, tudo era discutido em assembleia.

Bia Guimarães: E todos os moradores tinham que participar das assembleias. Essa logo virou uma das regras mais importantes do Borges. Não sei se você já se envolveu nem que seja um pouquinho com movimento estudantil, ou com qualquer movimento social e político. Mas, assim, assembleias podem ser bem... intensas.

Almir Almas: E tinha altas discussões, altos paus, altas brigas...

Myriam Marques: As assembleias eram intermináveis.

Bia Guimarães: Às vezes tão intensas quanto extensas.

Myriam Marques: As assembleias primeiras não eram de uma hora, de duas horas. Eram de quatro horas, cinco horas.

Almir Almas: Tinha assembleia que durava a madrugada inteira e no outro dia você tinha que sair pra ir pra aula de manhã.

Bia Guimarães: Tinha muita coisa pra pensar e organizar. Mas não demorou pra vida no Borges ganhar uma rotina. Uma cara de casa. Uma casa diferente.

Almir Almas: Cheguei a morar num quarto que era o quarto de cirurgia do hospital. E eu tinha uma luz de cirurgia enorme em cima da minha cama.

Bia Guimarães: As pessoas acordavam, liam jornal, iam pra aula, almoçavam no bandejão ali do lado... Os que trabalhavam iam pro trabalho, ou pro estúdio... Circulando por lá, você via gente estudando, tocando instrumentos musicais, papeando, namorando, lendo, escrevendo poesia, fazendo tarefas domésticas, descansando no jardim... fumando um baseado...

Myriam Marques: Tinha já muita maconha, né? Mas a gente era muito cuidadoso com isso também, no início, para não falar: "Ah lá, galera maconheira, galera...", entendeu?

Bia Guimarães: Alguns relatos da época também falam em experimentações sexuais de todo tipo, mas tudo muito respeitoso, só participava quem tava afim. Era o começo da década de 80. Então, eu fico imaginando que devia ter uma turma mais do punk, outra turma mais pro lado do hippie... E, claro, rolavam várias festas por lá. E aí vinham convidados de fora. Gente que não morava no Borges, mas que se identificava com aquele estilo de vida mais livre.

Almir Almas: Todo tipo de experimentações psicodélicas a gente fazia.

Bia Guimarães: Politicamente falando, era importante que o Borges não fosse confundido com um "antro de sexo e drogas". Mas os antigos moradores – ou boa parte deles – não negam que essa liberdade pra experimentar de tudo fazia parte daquela sociedade alternativa que eles tinham inventado. E que tava atraindo cada vez mais gente.

Enquanto tinha espaço sobrando, tava tranquilo. Mas quando as alas e os quartos começaram a lotar, a comunidade do Borges teve que criar um mecanismo pra filtrar os novos membros. A decisão de quem podia ou não entrar tinha que ser coletiva, como sempre. Então a solução era levar os candidatos a borgeanos pra assembleia.

Raimundo Carvalho: A pessoa chegava, se colocava, se apresentava, dizia o porquê estava querendo e o que poderia contribuir com o grupo.

Bia Guimarães: Eu fico tímida só de imaginar as pessoas tímidas nessa situação. Uma coisa meio The Voice, só que com dezenas de pessoas podendo girar ou não a cadeira pra você. Só que, em vez de cantar, você tinha que convencer a galera de que ia ser massa morar com você – o que talvez seja até mais complicado do que cantar – e que você tinha o perfil pra viver no Borges.

Almir Almas: A gente fazia algumas perguntas nessa assembleia. Você é feliz? O que você tá procurando aqui?

Bia Guimarães: O que me explicaram é que geralmente os pretendentes já chegavam com indicação. Ou seja, já conheciam alguém que tava morando lá. E essa pessoa tinha que fazer a parte dela.

Raimundo Carvalho: Tinha que apresentar e defender a pessoa. E o pau quebrava. Tinha gente que era recusada, tinha gente que era aceita.

Bia Guimarães: Sim, eles levavam em conta o fato da pessoa tá precisando de um canto pra morar, tá passando perrengue em Belo Horizonte, e tudo mais. Afinal, aquela era uma moradia estudantil. Mas era complicado aceitar gente que não tivesse nenhuma afinidade com aquele estilo de vida. Gente que, por exemplo, não abraçasse as tarefas, a rotina, nem as decisões coletivas. Ou gente que destoasse muito daqueles ideais.

Raimundo Carvalho: A gente achava um pouco paradoxal certas pessoas com uma mentalidade um pouco mais retrógrada estar ali. Mas a gente entendia também como uma necessidade, que essas pessoas também, tanto como nós, tinham necessidade de ter um teto, né?

Bia Guimarães: Enfim, tinha que colocar na balança. E rolava muita treta. Mas, de assembleia em assembleia, a população foi crescendo.

Magid Nauef Láuar: Nós chegamos a ter 150 ou 160. Isso no auge dela.

Bia Guimarães: Não era perfeito. Não tinha como ser.

Magid Nauef Láuar: Ô, Bia Guimarães, folgado tem em todo canto.

Bia Guimarães: Mas, na medida do possível, tava dando certo.

Magid Nauef Láuar: E nós censurávamos e chamávamos a pessoa para conversar quando a pessoa começava a se comportar como se ali fosse um hotel.

Bia Guimarães: Poucos meses depois daquele 30 de outubro de 1980, o mapa do antigo hospital – com enfermarias, salas de espera, de atendimento e de exames – já tinha sido sobreposto por um outro mapa. Tem até uma planta do Borges nessa época. Além dos quartos e banheiros espalhados por aquele prédio em formato de escorpião, dá pra enxergar ali: "ateliê", "hortas", "fogueira", "centro cultural"... Algumas alas até ganharam apelidos de acordo com o perfil de quem dormia naquela parte do prédio. Por exemplo, tinha ainda a Ala dos Arcos, ou Ala Gay. E também a Ala dos Machões.

João Batista: E a gente tinha que aprender, e aprendemos, a conviver nas diferenças. Porque lá dentro tem diferença de todo tipo.

Almir Almas: Então grande parte das pessoas que foi para a moradia realmente precisava da moradia. E uma parte foi porque precisava viver uma experiência alternativa que não tinha na sua casa, não podia viver na sua casa, não podia viver na sociedade.

Bia Guimarães: Ao mesmo tempo em que eles tavam desenhando um mapa em cima de outro mapa – uma moradia em cima de um hospital –, eles tavam desenhando um pequeno país dentro de outro. O país onde eles queriam viver, dentro do país onde eles tavam vivendo. Em plena ditadura militar.

Almir Almas: A gente criou realmente uma alternativa de sociedade.

Bia Guimarães: E quem passava do lado de fora, sem saber o que tava rolando, talvez pensasse que ali dentro só tinha um bando de maluco. E nem imaginasse que aquela galera ali tava lutando não só por moradia, mas também pra expandir os direitos dos estudantes.

Magid Nauef Láuar: Nós conseguimos que todo morador do Borges da Costa automaticamente já era carente. E, sendo carente, não pagava o bandeirão.

João Batista: E por ter ido morar no Borges, eu acabei conseguindo várias bolsas: bolsa de alimentação, bolsa de compra de livros, bolsa de medicina, bolsa de dentista.

Bia Guimarães: Nem sempre é fácil colocar o dedo na primeira fagulha de uma revolução. E falar com certeza absoluta: essa história começou nesse ponto aqui. Mas talvez seja mais difícil ainda colocar o dedo no fim dela. No último suspiro, na última faisquinha que ela produziu. Algumas pessoas vão dizer que a moradia Borges da Costa chegou ao fim em 1998, quando a UFMG entrou com uma reintegração de posse e a polícia tirou à força as últimas pessoas que moravam ali. Outras pessoas vão dizer que o Borges, como comunidade e como sociedade alternativa, se perdeu antes disso. Quando a turma que fundou aquela ocupação começou a se formar e ir embora, e pessoas novas entraram no lugar. O Raimundo percebeu que algumas coisas tinham mudado quando ele voltou a morar no Borges, na época que ele entrou no mestrado, já no final dos anos 80.

Raimundo Carvalho: Nessa época o Borges estava um pouco um pouco enfraquecido institucionalmente.

Bia Guimarães: O João Batista também notou uma diferença nos anos seguintes.

João Batista: Sempre que eu ia a Belo Horizonte eu ia à casa, porque ainda tinha gente que eu conhecia que morava lá. E eu fui vendo que a casa foi se transformando exatamente naquilo que a gente não queria.

Bia Guimarães: Ele sentiu que aquele senso de coletividade, que era um dos pilares mais importantes da vida borgeana, tinha se perdido um pouco.

João Batista: Sabe, o individualismo tomando conta da moradia.

Bia Guimarães: Uma utopia é inalcançável por definição. É um estado imaginado das coisas. Quando a gente sente que colocou o pé nela, é porque ela não tá mais ali. A fronteira foi jogada mais adiante. E a gente vai ter que continuar andando. Talvez a história do Borges mostre pra gente que a passagem do bastão e a continuidade dos planos seja um desafio comum nas pequenas e grandes sociedades... Ou talvez faça parte de todo processo de luta a gente sentir que algumas coisas ficaram pelo caminho. Mas a verdade é que a ocupação Borges da Costa durou 18 anos. É muita coisa. Era a idade de muitas pessoas que passaram por lá. Gente que talvez não tivesse conseguido se formar se não fosse a moradia. Ou que talvez tivesse passado sufoco pra se manter, e tivesse vivido menos, estudado menos.

Hoje a UFMG tem moradia estudantil oficial. Aliás, dos anos 80 pra cá, muitas outras universidades tomaram uma atitude e fizeram moradia estudantil. A galera que morou e ajudou a criar o Borges naqueles primeiros anos comemora isso, claro. Mas eles sentem que a experiência que eles viveram ali não se compara. Quem viveu a transformação daquele hospital em mini sociedade alternativa entende que embarcar naquele caminho fez tudo ficar diferente. Que aquele movimento criou um mundo novo, que aí criou outros mundos novos, e mais outros. O João conta que levou aquela vivência de comunidade pra vida toda.

João Batista: Isso nos deu uma compreensão de mundo muito legal...

Bia Guimarães: Ele é antropólogo e hoje trabalha com comunidades rurais, quilombolas e indígenas. A Myriam é enfermeira, então ela passou por muitos hospitais depois daquele. Mas ela diz que sente saudade de tudo – até das assembleias.

Myriam Marques: Eu tenho até saudade, entende?

Bia Guimarães: A Myriam é enfermeira, então ela passou por muitos hospitais depois daquele. Mas ela diz que sente saudade de tudo – até das assembleias.

Myriam Marques: Era um exercício constante de democracia, sabe? De encontrar uma solução conjunta pra tudo.

Almir Almas: O Borges da Costa foi a minha escola de vida. Se eu não tivesse passado pelo Borges da Costa, eu não seria o que eu sou.

Bia Guimarães: O Almir, o Raimundo Carvalho e o Magid viraram professores universitários. O Almir é professor da USP, e faz pesquisas na área de cinema, rádio e televisão. O Raimundo se aposentou como professor na Universidade Federal do

Espírito Santo, depois de 30 anos dando aulas de teoria literária e latim. E o Magid também se aposentou da Universidade Federal de Ouro Preto, mas ele continua trabalhando como magistrado. Ao longo das últimas décadas, eles viram e conviveram com as lutas das gerações seguintes de estudantes. Que, por um lado, mudaram muito. Mas, por outro, elas guardam elementos das lutas que vieram antes. Hoje, os antigos moradores têm um grupo de WhatsApp.

Almir Almas: Chama “Delírios Borgeanos”.

Bia Guimarães: E uma parte deles ainda se encontra de vez em quando. Ou pelo menos dá um alô quando chega 30 de outubro, no aniversário da ocupação. Em 2020, o Magid fez uma visita no Borges, que hoje voltou a ser um hospital.

Magid Nauef Láuar: Eu fui lá, eu até me emocionei.

Bia Guimarães: Ele foi naquele mesmo dia e horário do combinado: 30 de outubro, meio-dia. Ele pediu licença pra entrar, e foi abrir a mesma janela onde ele, no improviso, balançou aquele lenço branco 40 anos antes.

Branca Vianna: Essa história foi produzida pela Bia Guimarães.

Talvez a maneira mais clássica de escrever uma nova página na vida da gente seja cortando o cabelo. Eu aposto que você sabe do que eu tô falando. E que você sabe que isso pode dar muito bom... ou muito ruim.

Tem aquela cena icônica na série *Fleabag* em que a irmã da *Fleabag* vai cortar o cabelo. Se você não viu a série: pelo amor de Deus, se faça esse favor. Mas pra quem não viu, eu não vou dar spoiler. Só vou dizer que a irmã da *Fleabag* sofre um corte de cabelo meio traumático. A *Fleabag* volta lá no salão com ela pra tirar satisfação com o cabeleireiro, e ele diz: “Você sabe né, cabelo não é tudo”.

Fleabag: Wow.

Antony: What?

Fleabag: Hair is everything.

Branca Vianna: E a *Fleabag* responde: “Cabelo é tudo. A gente bem que queria que não fosse tudo, pra gente conseguir pensar em outra coisa pra variar... mas cabelo é tudo”.

Na nossa próxima história, a Natália Silva mostra um caso que deixa isso claro, sem sombra de dúvidas.

ATO 2 - CABELO É TUDO

Natália Silva: Em 2018, Má decidiu que precisava cortar o cabelo.

Tilly: Parece divertido!

Má Zink: Eu marcava e desmarcava. Nesse processo. Marcava e desmarcava. Aí um dia eu falei: "Não, agora vai".

Zen'oh: Vamos fazer!

Natália Silva: Tava difícil só marcar e ir porque não era por uma questão prática. Tipo: meu cabelo tá muito grande e eu preciso cortar. Era uma questão existencial.

Má Zink: Acho que se eu tivesse cortado o cabelo em outro momento da minha vida, talvez o choque em termos psiquiátricos não teria sido tão grande, mas eu já não estava com o emocional muito bom, ainda fui dar o passo mais importante da minha vida naquele momento.

Natália Silva: Se você é do tipo de pessoa que vai no cabeleireiro só pra aparar as pontinhas e consegue entrar e sair do salão completamente alheio ao fato de que o curso da sua vida poderia ter mudado completamente dependendo do que acontecesse ali dentro... talvez você não tenha entendido.

Boruto: O que, é sério? Um poder assim tão misterioso...

Má Zink: E aí eu marquei o horário e foi. Só que eu já não estava muito bem na cabeça, mas enfim, né? Aí a gente foi, chegou lá, tremia pra caramba.

Natália Silva: Tremia?

Má Zink: Tremia, tremia, tremia.

Louise: Não é assustador! Não é assustador! Aaaaaahhhhh!

Má Zink: E aí eu chamei um amigo meu, que é fotógrafo, e aí ele levou uma camerazinha dele pra tirar foto. Tinha tudo pra ser um momento lindo e feliz assim, sabe?

Natália Silva: Tinha... porque, como todo bom corte de cabelo, esse prometia mudar a vida pra muito melhor.

Má Zink: E aí eu sentei na cadeira e começou a cortar. E aí aí ela foi só na tesoura e foi indo, foi indo, foi indo e foi cortando, e o meu amigo tirando foto, e eu não queria olhar no espelho, assim, eu lembro que eu ficava olhando pra baixo falando: "Calma, calma, esse momento vai chegar". E eu não queria

olhar, não queria olhar... Foi quase aquela coisa de transformação da Xuxa que vira a cadeira e aí você vê: "Uau". E aí terminou. E aí eu olhei. Cara, a primeira sensação foi boa. Porque foi uma sensação de "consegui". 32 anos pra cortar esse cabelo, eu consegui.

Zen'oh: Um coisa muito legal, né?

Má Zink: Só que logo em seguida, eu olhei para o espelho e eu falei: "Quem sou eu?"

Natália Silva: Essa foi uma daquelas mudanças que dividem a vida em antes e depois.

Louise: Me escuta: a vida é uma viagem.

Natália Silva: E foi encarando o espelho, pisando no cabelo ainda espalhado no chão, que caiu a ficha de que a vida até ali talvez tivesse sido uma grande farsa.

Má Zink: Tudo, toda aquela feminilidade que eu fui construindo tijolinho por tijolinho, que ela era pura mentira, ela desmoronou. Porque acho que o cabelo, para mim, era o principal símbolo da feminilidade que eu tinha colocado na minha cabeça que tinha que ser o cabelo comprido. E foi embora num segundo. Foi embora.

Natália Silva: Se você ainda não sacou que entrar num salão de cabeleireiro pode ser coisa muito séria, talvez a história do Má Zink te convença.

Má Zink: Nossa, no meu caso, virou minha vida do avesso.

Natália Silva: Nessa vida do avesso, que agora virou o lado certo, o Má usa pronomes masculinos e se identifica como um homem trans. Mas até pouco tempo depois desse corte de cabelo, ele viveu uma vida, mais de 30 anos, como uma mulher cis... uma mulher que fazia de tudo pra ser feminina.

Má Zink: Eu acho que a minha feminilidade – ela sempre foi tão construída, de uma forma tão artificial...

Natália Silva: Artificial e forçada.

Boruto: Mas ela te chama de "Irmãozão", né?

Má Zink: Era isso, eu tenho a lembrança de ser um menino até meus dez, onze anos de idade. Um menino, usava boné para trás, andava com as roupas que eu queria, do jeito que eu queria, e chegou nessa fase, que é a fase em que os meninos começam a olhar para as meninas na escola, e essa fase eu comecei a sofrer muito bullying. Os meninos falavam que eu parecia um menino, que eu andava que nem menino, mulher-macho, aquelas coisas.

Natália Silva: Pra acabar com esse sofrimento, o Má começou a pensar: "Bom, o que precisa pra ser mulher, então?" Claramente, não bastava ser fêmea. Ter nascido com o sexo biológico feminino. Os cromossomos XX, a genitália, a composição hormonal... Não. Além de fêmea, tinha que ser feminina.

Má Zink: E era isso. A minha feminilidade era isso. Era cabelo liso, comprido, vestido, salto alto. E mulher tem que ter peito. E eu brinco que eu era côncavo assim, sabe? E eu não tinha. E aí por isso precisava pra ser mulher, precisava ter peito. E eu sofria muito ao ponto de assim... minha família não tinha grana, pô, nessa... Se o silicone é caro hoje, naquela época era mais caro ainda. E minha mãe se virou em 10 mil, porque ela viu que aquilo me causava um sofrimento muito grande. E eu coloquei silicone com 17 anos de idade, porque eu precisava parecer uma mulher.

Natália Silva: Essa pressão toda que o Má sofria tem muito a ver com o tempo e espaço dessa história. Ele viveu a adolescência nos anos 90, começo dos anos 2000... nem faz tanto tempo assim, mas a vida era outra.

Natália Silva: Se você pudesse escolher uma mulher pra representar esse ideal de feminilidade que você tinha nessa época, qual seria?

Má Zink: De novela. Alguma de novela, sei lá, Giovanna Antonelli, eu lembro que estava no Clone...

Natália Silva: Aquela novela da Globo em que a Giovanna Antonelli interpreta a Jade, uma marroquina nascida no Brasil – e essa é a parte menos confusa da história.

Boruto: Peraí. Tá falando sério?

Natália Silva: Tô falando, a vida era outra.

Má Zink: Eu via muita novela, consumia muita novela. Então eram as mulheres das novelas, principalmente as mocinhas e as protagonistas.

Natália Silva: Sempre com cabelão.

Má Zink: Sempre com cabelão. Sempre com cabelão.

Boruto: No passado?

Natália Silva: Isso no passado. No começo da história.

Tilly: Devia começar numa cidade pequena.

Natália Silva: A cidade pequena era Avaré, no interior de São Paulo. Quando ele saiu de lá pra estudar em Campinas, na Unicamp, o mundo cresceu um pouco. E as possibilidades de quem ele podia ser também. Quase que... literalmente.

Boruto: Incrível!

Natália Silva: Porque o Má foi estudar artes cênicas, pra ser ator. Nesse lugar muito mais livre, ele começou a se encontrar. Descobriu a própria sexualidade, entendeu que tinha atração por mulheres... Teve relacionamentos curtos, longos, bons, ruins... E foi por causa de um desses ruins...

Má Zink: Aquele relacionamento que você gosta mais da pessoa do que ela de você, né?

Natália Silva: Uhum.

Natália Silva: Que ele foi parar naquele salão de cabeleireiro.

Má Zink: E enfim, coitada, ela também teve culpa, mas eu me apaixonei profundamente por ela e ela era super jovem, ela ficava dando umas sumidas e isso me levou a um lugar de questionamento de que eu não era suficiente... E isso começou a gerar esse gatilho em mim de que tinha alguma coisa errada comigo. Eu acho que esse sentimento sempre existiu e nessa época, nessa situação, ele foi potencializado de alguma forma.

Natália Silva: Foi assim que ele decidiu que tinha chegado a hora de fazer uma coisa que ele quis fazer a vida toda.

Má Zink: Eu sempre quis ter cabelo curto, sempre quis.

Natália Silva: Ele já tava achando que tinha alguma coisa errada com ele mesmo. E se fosse o cabelo? Por que não cortar?

Natália Silva: Meio que como uma tentativa de consertar alguma coisa errada, você acha? Tipo: "Ah, talvez seja o cabelo". Foi isso?

Má Zink: Talvez. Talvez. Porque eu já olhava algumas pessoas na rua que eu falava: "Nossa, eu queria ser igual essa pessoa, eu queria...." Todas tinham o cabelo curto.

Natália Silva: Como era seu cabelo?

Má Zink: Era compridaço... compridão, assim...

Natália Silva: Então a mudança foi radical. De compridaço pra curtíssimo.

Tilly: Charmoso.

Natália Silva: Só que aí, quando o Má se olhou no espelho, ele não se viu.

Má Zink: Como é que eu vou me reconhecer agora? Eu não sei o que sobrou.

Boruto: Já aconteceu alguma coisa assim com ele antes?

Má Zink: Eu tirei o meu cabelo, o que que sobrou de mim, sabe?

Natália Silva: Quando o Má entrou naquele salão, as coisas já não tava bem. Aquele término de relacionamento tinha mexido bastante com ele. Ele vivia tendo crise de ansiedade.

Boruto: Sério mesmo, quem é você, hein?

Natália Silva: O corte de cabelo, ao invés de dar uma levantada no astral, foi a gota d'água. Ele se olhou no espelho e não se viu, mas viu outra pessoa. Alguém que ele não sabia quem era.

Louise: O que tá acontecendo?

Má Zink: Eu tinha o tempo todo a sensação de que a minha vida não era real.

Louise: O quê?

Má Zink: Eu entrei numas de não querer ver meus amigos porque eu não sabia mais o que eu ia conversar com eles. Eu não sabia mais como me relacionar com eles, porque se a pessoa que eu era foi embora, como que ia ser dali pra frente?

Louise: O quê?

Má Zink: Comecei a me tratar, tomar remédios. Isso foi me melhorando de uma certa forma... mas eu fiquei muito mal mesmo, a ponto de um dia eu falar para um amigo meu: "Cara"– eu tive muita ajuda dos meus amigos nessa época, e eu falava: "Cara, desse jeito eu não quero mais existir, sabe? Porque eu não vejo possibilidade de existir, se eu não consigo nem entender quem eu sou, sabe. Qual é o meu lugar nesse mundo?" E aí ele falou assim: "Então deixa que a gente existe por você". E aí eu fiquei um tempinho sem trabalhar, porque dublar também me gerava gatilhos, porque eu via os personagens e, enfim...

Natália Silva: Quem eram os personagens que você estava dublando nessa época?

Natália Silva: Lembra que eu disse que o Má tinha estudado artes cênicas? Então, ele acabou se especializando em dublagem.

Boruto: Então você já sabia?

Natália Silva: Esses trechinhos todos que a gente tá ouvindo ao longo dessa história, são de personagens que o Má dubla: o Boruto, do Naruto; o Zen'oh, do Dragon Ball...

Tilly: Qual é a melhor história?

Natália Silva: São muitos, o Má trabalha com isso há mais uma década.

Má Zink: Eu sempre dublei meninos, pessoas trans, pessoas não binárias. Sempre foi essa gama de pessoas que eu dublei na minha vida. Sempre.

Natália Silva: E você não tinha parado pra pensar apesar disso?

Má Zink: Não. Não tinha.

Tilly: Não, não, não, não.

Natália Silva: Quando ele disse isso, eu não acreditei. Eu sabia que o Má dublava personagens masculinos, só que eu achava que isso tinha acontecido depois da transição, não antes. Mas não. Ele sempre dublou meninos. Quer dizer, quase sempre – o grosso são meninos, mas de vez em quando aparece alguma menina, tipo a Louise, de Bob's burgers, ou a Tilly, dos Vizinhos Green, que a gente também tá ouvindo por aqui.

Zen'oh: Poxa vida, eu esqueci!

Natália Silva: Claro que essa prevalência dos personagens masculinos podia não significar nada, né? Tem uma dubladora famosa dos Simpsons, a Nancy Cartwright – que é uma mulher cis – que dubla o Bart, o Nelson, o Todd Flanders...

Zen'oh: E aí?

Natália Silva: Podia não significar nada. Mas, no caso do Má, isso significa muito, né?

Má Zink: Algumas vezes eu só me sentia bem assim, quando estava ruim, ruim, ruim, às vezes eu colocava um bonezinho pra trás, ficava parecendo um menininho mesmo. E me olhava no espelho, me acalmava, aquilo me dava uma calma. Eu me via num estado de pânico constante. Meu coração estava sempre acelerado, era uma sensação horrível. E aí eu lembro de um dia, eu coloquei o boné para trás, que eu não lembro o que eu estava

fazendo e me olhei no espelho e eu vi um menininho, imediatamente meu coração desacelerou. Um menininho não, né... eu já tinha uma certa idade. Mas vi um cara e meu coração desacelerou na hora, como se eu tivesse tomado algum remédio assim, sabe? E aí eu fui entender em terapia, muito tempo depois, que a minha feminilidade, ela era de mentira. E o cabelo era o símbolo número um. Eu podia me vestir de jogador de futebol, sei lá, com roupas largas... se eu tivesse o cabelo comprido, estava tudo bem, sabe? O cabelo era... Eu não podia cortar de jeito nenhum. Eu tinha isso para mim. Mesmo querendo cortar, eu não tinha coragem nenhuma de cortar. E aí eu entendi que o cabelo me fez ver. É como se eu tirasse uma máscara, assim... eu tirei o cabelo.

Natália Silva: Demorou um tempo pro Má entender quem tava por trás daquela máscara. Era ele. Encarar essa imagem no espelho não foi fácil.

Má Zink: Eu tive que me despedir da pessoa de quem eu fui.

Natália Silva: Daquela mulher que fez tudo pra ser feminina...

Má Zink: Quando eu entendi que eu não precisava fazer aquilo tudo... aí, aí, aí doeu, sabe?

Natália Silva: Porque ele sacou que ele tinha jogado tempo fora. Interpretando um papel que não era pra ele. Eu fiquei pensando nisso enquanto a gente falava... no paralelo entre a profissão que o Zink escolheu, a dublagem, e essa situação que ele viveu. Porque... dublar é imitar, né?

Má Zink: Você tem que reproduzir aquilo que já foi feito. Você tem que fazer o tom que o ator fez, você tem que fazer a respirada que o ator fez, você tem que reproduzir de uma forma perfeita o que já foi feito antes. É uma imitação mesmo.

Natália Silva: Sim. E você gosta disso?

Má Zink: Eu gosto. Eu gosto muito do meu trabalho. Aprendi a me apaixonar por ele, ainda mais porque, de uma certa forma, ele me permitiu por muito tempo viver papéis que eu não queria viver. Imitava as pessoas que eu queria ser e não conseguia. Talvez, não sei, o lugar desses meninos, dessas pessoas trans e...

Natália Silva: Tem algum preconceito em relação a dublagem no meio artístico, assim, tipo... como se fosse uma coisa menor? "Você não está criando uma coisa do zero, você tá imitando alguém". É uma questão ou não?

Zink: Mas é muito difícil imitar, né?

Natália Silva: É, é muito muito difícil imitar.

Natália Silva: Ele sabe disso. Ele passou a vida imitando. Agora, ele só faz isso à trabalho.

Branca Vianna: Essa foi a Natália Silva, produtora da Rádio Novelo.

Obrigada por escutar mais um episódio do Rádio Novelo Apresenta. Essa semana, no post do episódio no nosso site, tem fotos da ocupação do Borges da Costa, e dá pra ver também aquela planta que os moradores fizeram na época, sobrepondo o espaço deles ao espaço do hospital. As duas histórias do episódio dessa semana vieram de sugestões de ouvintes – da própria Ana Hikari e do Má Zink, no caso. Então, seja como a Ana e o Má, e compartilhe os seus causos preferidos com a gente.

No nosso site, na seção “Envie uma pauta”, tem algumas orientações sobre o tipo de história e o formato que funcionam melhor pra gente. E aproveita que você tá no site pra assinar nossa newsletter. Sei que todo mundo tá cansado de receber e-mail, mas os nossos são curtinhos e vêm com dicas culturais escolhidas a dedo pela nossa equipe.

Você já sabe, mas mesmo assim eu vou repetir que dá pra ouvir o Rádio Novelo Apresenta nos principais aplicativos de áudio. Pra não perder nenhum episódio, você pode seguir a gente no Spotify, no Apple Podcasts, no Amazon Music. Na Deezer, é só favoritar. E também dá pra se inscrever no Castbox e no canal da Rádio Novelo no YouTube. Se você for recomendar ou comentar sobre algum episódio nosso nas redes sociais, marca a gente. Nosso perfil é @radionovelo, tanto no Twitter quanto no Instagram.

O Rádio Novelo Apresenta é um original da Rádio Novelo. Tem episódio novo toda quinta-feira.

A direção criativa é da Paula Scarpin e da Flora Thomson-DeVeaux, e a produção executiva é do Guilherme Alpendre.

A gerência executiva é da Marcela Casaca e a gerência de produto é da Juliana Jaeger.

Nossos produtores sênior são o Vitor Hugo Brandalise, a Évelin Argenta, a Bia Guimarães, a Sarah Azoubel e a Carol Pires.

As produtoras da nossa equipe são a Bárbara Rubira, a Natália Silva, e a Júlia Matos.

A checagem deste episódio foi feita pelo Bruno Lima.

A gente usou música original de Luna França, e também da Blue Dot.

A mixagem é do Pipoca Sound.

O desenvolvimento de produto e audiência é feito pela Bia Ribeiro.

O design das nossas peças é do Gustavo Nascimento.

A nossa analista administrativa e financeira é a Thainá Nogueira.

E a nossa estagiária é a Isabel Santana.

Obrigada, e até a semana que vem.